

Potências rumam para período de confronto

Gideon Rachman

O caso do Google com a China envolve bem mais do que o destino de uma poderosa empresa individual. A decisão da companhia de sair da China, a menos que o governo chinês não mude suas políticas sobre censura, é um prenúncio de relações cada vez mais tempestuosas entre os EUA e a China.

A razão pela qual o caso do Google é tão significativo é que sugere que os pressupostos nos quais se baseia a política americana para a China desde o massacre da Praça da Paz Celestial, em 1989, podem estar totalmente errados. Os EUA aceitaram e até comemoraram a ascensão da China a potência econômica pois as autoridades americanas se convenceram de que a abertura econômica resultaria em liberalização política na China.

Se essa premissa mudar, a política americana para a China pode também mudar. Receber de braços abertos a ascensão de uma economia asiática gigantesca que está se transformando numa democracia liberal é uma coisa. Patrocinar a ascensão de um Estado de partido leninista único, único rival geopolítico plausível dos EUA, é outra coisa bem distinta. Combine esta desilusão política com o desemprego de dois dígitos nos EUA, amplamente atribuído à manipulação do câmbio chinês, e teremos a fórmula para uma reação anti-China.

Tanto Bill Clinton como George W. Bush acreditavam firmemente que o livre comércio e, em especial, a era da informação, tornariam irresistíveis mudanças políticas na China. Em visita aos chineses, em 1998, Clinton proclamou: "Nesta era de informação mundial, quando o sucesso econômico é construído sobre ideias, a liberdade pessoal é essencial para a grandeza de uma nação". Um ano mais tarde, Bush fez uma observação semelhante: "A liberdade econômica cria hábitos de liberdade. E hábitos de liberdade criam expectativas de democracia... Comercializemos livremente com os chineses e o tempo estará do nosso lado."

Os dois presidentes refletiam a visão consensual entre os especialistas americanos mais influentes. Tom Friedman, colunista do "The New York Times" e autor de best-sellers sobre globalização, certa vez disse sem rodeios: "A China terá uma imprensa livre. A globalização a imporá." Robert Wright, um dos pensadores preferidos de Clinton, argumentou que, se a China optar por impedir o acesso gratuito à internet, "o preço seria um frustrante fracasso econômico".

Até agora, os fatos se recusam a obedecer à teoria. A China continua a censurar meios de comunicação novos e antigos, mas isso não a condenou a "sombrio fracasso econômico". Ao contrário, o país é hoje a segunda maior economia e o maior exportador do mundo, com reservas internacionais acima de US\$ 2 trilhões. Mas todo esse crescimento econômico mostra poucos sinais de provocar as mudanças políticas previstas por Bush e Clinton. Na verdade, o governo parece estar ficando cada vez mais repressivo. Liu Xiaobo, um importante dissidente chinês, foi recentemente condenado a 11 anos de prisão por envolvimento no movimento Carta 08, que defende reformas democráticas.

A decisão do Google de confrontar o governo chinês é um sinal precursor de que os americanos estão ficando fartos de lidar com o autoritarismo chinês. Mas as maiores pressões provavelmente virão dos políticos, e não de empresas. O Google é uma empresa incomum num setor extraordinariamente politizado. Se o Google realmente sair da China, é improvável que seja seguido por debandada de outras multinacionais. Para a maioria das grandes empresas, o mercado chinês é muito grande e tentador para ser ignorado. As empresas dos EUA provavelmente continuarão a ser o grupo de pressão que mais defenderá um envolvimento continuado com a China.

As pressões em favor de um desengajamento virão de grupos de ativistas defensores direitos de trabalhadores, dos falcões no setor de segurança e de políticos, especialmente no Congresso. Até agora, o governo Obama baseou sua política firmemente nas premissas que têm regido a abordagem americana para a China há uma geração. O recente discurso padrão de Obama sobre a Ásia foi uma declaração clássica das justificativas para o engajamento dos

EUA com a China, sem faltar a afirmação ritualística de que os americanos saúdam a ascensão chinesa. Mas, após ser censurado pela TV chinesa em Xangai e ter de "ouvir uma lição" dada um funcionário subalterno chinês na cúpula climática de Copenhague, Obama pode ter menos simpatia por Pequim. Um sinal de que a Casa Branca está endurecendo sua política poderá vir nos próximos meses, com uma decisão oficial no sentido de qualificar a China com país que "manipula o câmbio".

Mesmo que o próprio governo não tome a iniciativa, as vozes pedindo políticas mais duras contra a China provavelmente começarão a falar mais alto no Congresso. A decisão do Google de chamar a atenção para os perigos de ataque cibernético da China fomentarão os crescentes temores quanto à segurança americana. O desenvolvimento de sistemas de mísseis chineses que ameaçam o domínio naval americano no Pacífico também está causando preocupação em Washington. A venda de armas americanas a Taiwan já está provocando uma crise entre os países.

Enquanto isso, o protecionismo parece estar se tornando intelectualmente respeitável nos EUA, o que deveria preocupar a China.

Uma guerra comercial entre EUA e China seria sombria. Poderia lançar o mundo de volta à recessão e injetar perigosas tensões na política internacional. Se ocorrer, a culpa será de ambos os lados. Os EUA foram quase intencionalmente ingênuos sobre o nexos entre comércio livre e democracia. Os chineses têm agido de modo provocador nas esferas cambial e de direitos humanos.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 3 fev. 2010, Primeiro Caderno, p. A11.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins acadêmicos